

Prazer, territorialidade e racialidade: Etnografando o “sexo em público” à margem do Rio São Francisco¹

João Victor Gomes Varjão, doutorando em USP/São Paulo

Palavras-chave: Racialidade; Trabalho sexual; margem do Rio São Francisco.

Uma trilha escura, uma figura conhecida

Durante a pandemia da covid-19, segui rigorosamente as regras de afastamento social, limitando-me a receber compras via aplicativos de entrega e horas em frente aos aparelhos eletrônicos, que eram os únicos companheiros daquele momento. A partir de abril de 2021, no entanto, decidi voltar a andar de bicicleta. Ainda que não houvesse vacinas para todos, naquele momento, tomei o risco de me aventurar pelas ruas da cidade, portando máscaras no rosto e um frasquinho de álcool em gel no bolso. Nessas idas e vindas, eu optava por percorrer vias com poucos transeuntes, geralmente, indo a estradas mais afastadas de Juazeiro da Bahia, cidade onde eu estava residindo. Nesse intermédio, ao longo dos meses e quando tomei a primeira dose da vacina, tive vontade de começar a andar pela orla da cidade, à beira do Rio São Francisco, onde existe uma pequena ciclovia beira-rio, com cerca de três quilômetros de tamanho. Ao entardecer, cotidianamente, andava por esse caminho em minha bicicleta. A cidade começou a tomar novas formas, novos espaços. Os fluxos constantes, os transeuntes, os bares, as barquinhas, os pedestres: a beira do rio tinha uma sociabilidade própria envolvendo questões de tempo, dinheiro, lazer e trabalho. À medida que ia me acostumando com a beira do rio, começava a notar coisas que fugiam do habitual – os estranhamentos começavam a surgir na paisagem que se familiariza.

À princípio, ocorria-me perceber a quantidade espaços escuros que havia ao longo da ciclovia, com arbustos, árvores e trilhas escuras, cuja curiosidade ia gradativamente tomando forma em mim. Eu notava pessoas transitando entre as luzes do poste e essas trilhas, sorrateiros, desconfiados, sombra adentro. Considerei que eram usuários de droga ou mesmo traficantes, agindo nos espaços margeados da cidade. A curiosidade foi tomando forma concreta quando vi um conhecido adentrar em um dos espaços, o mais

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

afastado da orla da cidade, cuja escuridão era predominante e o fluxo era bem contido. Eu o conhecia por aplicativos de “relacionamento gay”, cuja relação limitou-se a uma conversa desinteressada. Na euforia de o ver entrar, desci da bicicleta, disfarçadamente, em um movimento, que viria descobrir, era comum na maioria das pessoas que ali passavam: observando a vista ou pretendendo urinar em um lugar mais afastado, à espreita, fingindo não saber o que estava acontecendo – “dando uma de doido” como costumavam dizer, quando um homem entrava e ficava arrodando o espaço, fingindo que não sabia o que se tratava o espaço. Observei sua figura sumir, por entre as árvores, misturando-se com a sombra. Com o corpo fervendo, tomei impulso, segui atrás, bicicleta em mãos: entrei no escuro.

Fiquei um tempo parado, sob as árvores, tentando encontrar a figura conhecida perdida nas sombras. No escuro, a dificuldade de visualizar formas não permitia encontrá-lo, nem compreender o que acontecia no espaço. Foi preciso alguns minutos para minha vista se acostumar com o escuro, dar forma às sombras e perceber as silhuetas que se formavam na paisagem noturna. A trilha escura era, na verdade, um espaço considerável à beira do Rio, bastante arborizado e com alguns troncos caídos, semelhante a um parque aberto. Notei que próximo a mim, cinco metros de distância, havia cinco ou seis pessoas, paradas, observando-me. Elas estavam bastante próximas e não conversavam. Não demorei a reconhecer a figura do meu conhecido, encostado em um dos troncos caídos, junto a outro homem, acariciando suas partes íntimas e olhando diretamente para mim. Excitado, envergonhado e em frisson, saí do local imediatamente, arrastando a bicicleta e retornando à parte mais iluminada da orla.

“Me arranja quanto para gente curtir?”

O encontro inesperado na trilha escura transformou-se em uma série de incursões exploratórias, cada uma mais intrincada que a anterior. Na segunda visita, nos dias subsequentes, a tensão e o medo permaneceram, intensificados pelas sombras que obscureciam minha visão e confundiam meus sentidos. Ao adentrar o espaço, dessa vez, uma necessidade de compreensão emergiu. Os caminhos pelo espaço revelaram-se complexos, oferecendo múltiplas possibilidades e potenciais encontros. O tronco próximo à entrada, antes apenas um ponto de referência, agora era parte de uma geografia erótica, onde interações se desenrolavam. Esse tronco era um local mais visível do espaço. Ele era o ponto de partida para os encontros, mas não o palco principal das interações íntimas,

as tais “pegações” como eles denominavam, que migravam para locais mais resguardados quando a presença de observadores aumentava. Os frequentadores daquele ambiente noturno, solitários ou em grupos, exibiam comportamentos diversos: alguns dialogavam, enquanto outros permaneciam em silêncio, observando de maneira furtiva; alguns se masturbavam, outros tentavam aproximação. A bicicleta, agora minha companheira marcante, atraiu a atenção ao longo dos dias, resultando no apelido de “o menino da bicicleta”.

Aquele encontro inesperado na trilha escura da orla do Rio São Francisco despertou em mim uma série de reflexões e questionamentos sobre as complexidades que surgiram naquele breve instante. Afinal, o que se desenrolava naquele espaço afastado e sombrio à beira do rio? O frisson da descoberta misturava-se à curiosidade, desafiando minhas concepções prévias sobre os limites da minha cidade e de sua vida noturna e erótica. As trilhas escuras, antes meros corredores sombrios, agora ganhavam significados múltiplos: eram refúgios secretos, palco de encontros furtivos, uma margem que coexistia com a luminosidade aparente da cidade, sua orla. Na medida em que explorava mais, observei diferentes grupos de pessoas compartilhando experiências íntimas, como se a escuridão propiciasse uma espécie de anonimato que, se não liberava suas vontades, permitia que uma vazão do desejo fosse vivida, tal qual o rio que corria, frenético, nas margens.

Em uma dessas idas à beira do rio, ainda compreendendo a dinâmica que ali acontecia, conheci Ricardo. Ele era um jovem de dezoito anos, pele bastante queimada de sol e que poderia ser lido como uma pessoa parda ou negra de pele clara. Ao contrário dos outros frequentadores, ele vivia caminhando, abordando um e outro de maneira direta e incisiva. A primeira vez que ele se aproximou de mim, disse-me: “Me arranja dois reais aí?”. Eu respondi que não tinha dinheiro e ele seguiu conversando com outras pessoas. À medida que eu ia frequentando o espaço e esbarrando com Ricardo, nossas conversas iam se desenrolando. Ele me disse que morava em um barraco no bairro Angari, um dos bairros mais antigos de Juazeiro, conhecido pela população ribeirinha e também pela presença de moradores de baixa renda, contrastando com os prédios e condomínios em sua frente. “Eu vim do Ceará”, ele me explicou e me disse que não tinha nenhuma família por ali, embora já houvesse visto uma mulher, bem-vestida, indo atrás dele em uma das veredas, cujo comentário predominante era de que se tratava de uma parente.

Eu notava que ele não só pedia dinheiro. Quando a pessoa lhe dava algum trocado, ele guardava o dinheiro, “apertava a ‘mala’”² e perguntava: “Me arranja quanto para gente curtir?”. As pessoas em geral diziam não, contrastante com a quantidade inferior que aceitava – pelo menos, à vista de todos. Na maioria das vezes, elas aceitavam quando estavam sozinhas com ele, sem que outros frequentadores soubessem, à sombra.

Nem sempre conversávamos: havia dias em que ele estava de bom humor, cumprimentava-me e perguntava sobre meu dia; em outros, não trocava palavra comigo e passava por mim, geralmente, quando estava mais agitado. As oscilações de humor, posteriormente descobri, tinham a ver com seu consumo de drogas, sobretudo, o consumo de crack. Ricardo andava por toda orla da cidade, muitas vezes, com outros rapazes. Ele foi um dos frequentadores que mais me chamou atenção, sobretudo, pela forma com que os outros o tratavam: em geral, com repúdio e evitando qualquer contato com ele. Em um desses momentos que nos esbarrávamos, ele chegou a me dizer: “Você é um único que conversa comigo aqui!”. Ao mesmo tempo, não era incomum ver essas pessoas, que o insultavam em minha frente, entrar em uma das veredas escuras para “curtir” um pouco com ele. Curiosamente, essas mesmas pessoas salientavam que eu tomasse cuidado com ele e que não ficasse sozinho, quando não houvesse mais ninguém.

A minha incursão pelas veredas à beira do Rio São Francisco começou como uma mera curiosidade pessoal e erótica. Contudo, esse período coincidiu com a leitura adensada de "Negócio do Michê" (1987) de Néstor Perlongher, durante a disciplina "Sexualidade, Cultura e Política" ministrada pelo meu orientador, Júlio Assis Simões. Esse contexto despertou em mim um interesse antropológico mais amplo. Aliado ao meu interesse por explorar as dinâmicas de sexualidade, gênero e dissidência no interior brasileiro, comecei a considerar o território como um potencial campo de pesquisa. Isso não só envolve as particularidades urbanas, mas também questões mais amplas relacionadas à sexualidade e marginalidade na região. Esse interesse de pesquisa era incipiente e incerto, à priori.

Similar a Ricardo, comecei a notar uma considerável presença de rapazes, bastante semelhantes a ele, em questão de raça, classe social, em sua maioria, pedindo algum dinheiro em troca de uma “pegação”. Mais do que encontros isolados, a presença desses rapazes parecia constituir uma sociabilidade particular do território, cujo desejo,

² “Apertar a ‘mala’” é uma expressão referente a pessoas que acariciam suas partes íntimas, embora estejam vestidas, mas se tornam volumosas, formando uma “mala”. No meu contexto etnográfico, em geral, indica interesse erótico, tornando-se uma das formas mais diretas de aproximação.

sexualidade e marginalidade pareciam entrelaçar-se em um “emaranhado ambíguo” (Williams, 2013).

Recorro ao conceito de Erica Lorraine Williams (2013) para refletir sobre essas experiências e suas interações no território mencionado. Em seu contexto etnográfico, a autora emprega o conceito para capturar a complexidade e a diversidade das conexões e relacionamentos que se formam na chamada “fronteira etnossexual”. O termo “ambíguo” destaca a natureza incerta e multifacetada dessas interações. Sua complexidade reside na dificuldade de decifrar as motivações, desejos e intenções das pessoas envolvidas nessas interações. Essa ambiguidade torna-se mais evidente quando esses relacionamentos transpassam fronteiras de idade, raça, classe e nacionalidade, abrangendo uma ampla gama de contextos culturais. No contexto etnográfico da beira do Rio São Francisco, é perceptível que determinados marcadores se entrelaçam nas experiências, muitas vezes contraditórias e ambíguas. O conceito é uma maneira sintetizada de refletir sobre a maneira pela qual os Marcadores Sociais da Diferença, ao contrário de estarem separados, constroem-se e emaranham-se (Simões et al., 2010). Este trabalho dedica-se, portanto, a essas formas particulares de sexualidade vivenciadas à beira do Rio São Francisco, dando especial atenção ao trabalho sexual entre homens.

Sociabilidade e consumo à beira do Rio São Francisco

Ao longo dos primeiros meses dedicados à observação da margem do Rio São Francisco, meu envolvimento se manifestava na forma de conversar informais e observações, registradas em notas no celular e, posteriormente, organizadas em detalhes no diário de campo. Não tardou a perceber que as interações eróticas, independentemente de envolverem transações financeiras ou não, estavam intrinsecamente ligadas às práticas de consumo e ao lazer que se desenrolavam nas margens cristalinas do rio. É necessário, portanto, contextualizar o espaço e sua sociabilidade ribeirinha.

A cidade objeto desta pesquisa é Juazeiro da Bahia, situada ao norte do estado, com uma população estimada em mais de 200 mil habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Juazeiro compartilha uma proximidade geográfica significativa com Petrolina, Pernambuco, que possui uma população superior a 380 mil residentes (IBGE, 2022). Essas duas cidades não podem ser analisadas de forma isolada, uma vez que integram o polo do Vale do São Francisco, estando intrinsecamente interligadas em diversos aspectos, desde a composição

demográfica até as atividades comerciais. Ressalta-se a importância de considerar a interdependência entre Juazeiro e Petrolina, uma vez que a sociabilidade beira-rio, observada na região, é experimentada tanto pelos habitantes de Juazeiro quanto pelos de Petrolina, além dos turistas que ocasionalmente exploram o espaço. Essa interconexão evidencia a necessidade de uma abordagem que considere os dois contextos ao analisar essas localidades, reconhecendo a natureza colaborativa e interativa de suas dinâmicas sociais, econômicas e culturais.

Ao longo das veredas e trilhas mencionadas anteriormente, percebi uma presença significativa de estabelecimentos comerciais locais adjacentes, sobretudo bares/restaurantes, que estão intrinsecamente ligados as experiências ribeirinhas. Esses locais são caracterizados pelo consumo de bebidas alcoólicas e de uma alimentação, predominantemente baseada em peixes. A cena à beira do Rio São Francisco é delineada por um grupo de aproximadamente cinquenta pessoas, cuja composição varia conforme as condições climáticas e os dias da semana, alcançando sua expressividade máxima nos finais de semana. Essas pessoas ocupam cadeiras e mesas de plástico, características de bares populares, ostentando as marcas de cerveja. Ao mesmo tempo, caixas de som dispersam amplamente músicas na atmosfera, proporcionando uma experiência sensorial particular. A sociabilidade desses espaços está diretamente relacionada ao usufruto do Rio São Francisco, de modo que há uma presença mais considerável de frequentadores no período diurno, especialmente, quando o tempo está mais ensolarado. As pegações, podem acontecer durante o dia, mas ocorre de maneira esparsa e reduzida, acontecendo com maior intensidade no crepúsculo vespertino e no período noturno, cuja iluminação é reduzida.

Essa interação entre elementos visuais, táteis e auditivos desempenha um papel crucial na construção de uma sociabilidade única, onde momentos de prazer, diversão e lazer são experimentados por essas pessoas. Nas minhas observações, destaquei a presença predominante de pessoas negras nesses espaços, muitas delas pertencentes a estratos socioeconômicos mais baixos. Notavelmente, mesmo estando na orla da cidade, uma área onde a presença de estabelecimentos de consumo mais elitizados é marcante, essa população encontra formas de lidar com questões relacionadas ao dinheiro, consumo e vivência do lazer. Essa dinâmica evidencia a capacidade dos frequentadores de criar e desfrutar de espaços de lazer à sua própria maneira, em contraste com a dinâmica mais elitizada e dispendiosa que pode ocorrer nas imediações. É relevante mencionar, ainda, que esse consumo também envolve outras substâncias psicoativas, embora seja de

maneira mais contida e localizada, sobretudo substâncias como cocaína, maconha e crack. Essas substâncias, muitas vezes, desempenham um papel relevante nas interações eróticas, contribuindo para a complexidade do ambiente e da prática de trabalho sexual.

Muitos das pessoas envolvidos nessas interações já estão presentes no ambiente, participando do consumo e observando a movimentação. Apesar da presença de pessoas que não estavam inicialmente no local, os consumidores geralmente prolongam suas atividades nas trilhas ao longo da beira do Rio, especialmente quando buscam recursos financeiros para adquirir mais bebidas ou substâncias. Ricardo, por exemplo, dedica grande parte de seu tempo circulando entre as mesas dos bares à beira do Rio, frequentemente solicitando dinheiro, bebidas e cigarros. Em determinado momento, ele compartilhou comigo que ocasionalmente ajudava os proprietários dos bares a recolherem mesas e cadeiras ao final da tarde, embora fosse uma atividade esporádica, sem proporcioná-lo uma ocupação fixa. As interações eróticas, nesse contexto, estão intrinsecamente ligadas à sociabilidade local, principalmente permeadas pelo consumo de substâncias psicoativas.

O trabalho sexual à margem do rio

Ao longo dos meses em que conheci Ricardo, seu consumo de crack parecia aumentar consideravelmente. Enquanto no início era difícil vê-lo fumar em lugares expostos, o que o fazia permanecer em veredas mais escondidas, à medida que o tempo passou, ele fumava cada vez mais em lugares expostos. Muitas vezes, fumando à beira do Rio na parte mais exposta. Em geral, fumava sozinho ou com uma pessoa, que na maioria das vezes, era um dos rapazes que andavam com ele ao redor da orla. Além de tornar mais explícito seu consumo, ele também me disse que não morava mais no barraco: “Tô morando na rua” ele me explicou.

Os frequentadores do espaço notavam sua mudança, que também implicava em uma mudança de aparência como vestes mais sujos e desgastados, perca visível de peso e cheiro mais forte, aspectos constantemente mencionados por outras pessoas. Esses três atributos sempre eram associados ao rapaz, quando ele aparecia comumente pedindo algum dinheiro. Ricardo notava esses comentários acerca de si e incomodava-se. Um dia, quando o encontrei vestindo uma roupa nova e cabelo cortado, ele me disse que estava se cuidando e explicou o motivo: “Eu tava andando na orla e duas novinhas disseram: ‘olha esse menino, todo acabado, não se cuida!’”. Ele disse que ficou incomodado com o

comentário e falou que iria se cuidar. Eu fiquei feliz por ele, pois ele parecia satisfeito com mudança, no entanto, não demorou a ele voltar a aparecer como antes, rendendo os mais variados comentários.

Apesar dos comentários julgadores em relação a sua aparência, era bastante comum ele ter relações sexuais com frequentadores, em troca de dinheiro. Cacá, um frequentador assíduo do espaço-, descrevia-o como um “marginal”, a partir de uma série de atributos que iam desde sua virilidade, sua vulnerabilidade social, mas também de uma “condição” de risco que ele parecia os colocar. Cacá, que constantemente procurava serviços sexuais desses rapazes, dizia-me que só gostava de ficar com “cafuçus” e “marginais”. Apesar de um forte apelo erótico sobre esses corpos, que em geral são negros, havia também uma constante repulsa sobre essas pessoas – ainda mais se cobrassem por sexo – como diversas vezes aconteceu com Ricardo.

Quando perguntei a Ricardo se ele trabalhava, ele me disse que às vezes ajudava Gomes, o dono de um dos bares à beira do Rio São Francisco. “Eu ajudo Gomes e ele me dá almoço, comida e me deixa dormir ali embaixo³”. Ricardo me disse que era difícil arranjar emprego, o máximo que conseguia era nas barracas. Por isso, ele me dizia, que aceitava dinheiro para “gozar com os caras”. Ele sempre repetia que não fazia aquilo porque queria: “Eu faço por necessidade, João! Se eu pudesse, não estava nessa vida”. No entanto, também não considerava aquela prática como uma profissional, tampouco queria ser associado enquanto gay.

De maneira geral, nenhum dos meninos que conhecia dizia ser garoto de programa, de modo que não assumiam prostituir-se: “É só uma ajudinha, um bico!”. Em geral, as trocas são feitas por dinheiro, mas também existem transações de comida, cigarros, drogas, bebidas e roupas. À princípio, para compreensão teórica, recorro ao conceito de Alexandra Oliveira (2004) de trabalho sexual, cuja noção mais abrangente para compreender o vasto leque de serviços prestados que envolvem o sexo – mesmo aqueles não são nomeados como “prostituição”. Como salienta Guilherme Passamani (2022), “esses serviços e produtos incluiriam a prostituição, a pornografia, o strip-tease, as danças eróticas, as chamadas telefônicas eróticas, além de outras atividades ligadas atualmente ao ciberespaço” (Passamani, 2022, p. 2). Nesse sentido, a plasticidade do

³ Embaixo dos bares, havia um espaço que podia servir de depósito, mas para a maioria dos donos de quiosques servia como moradia.

conceito “trabalho sexual” permite abranger essas práticas percebidas nas margens do Rio São Francisco, utilizado dessa maneira como um conceito central em minha análise.

Racializações do desejo

A experiência na margem do rio, sobretudo quando relacionada ao trabalho sexual, parecem envolver uma série de questões e fantasias sexuais em relação ao corpo negro. As categoriais “cafuçus” e “marginais” eram constantemente acionadas quando eu questionava sobre os rapazes que faziam algum tipo de trabalho sexual. Domingos era outro um frequentador constante na Marinha. Ele tinha 28 anos quando nos conhecemos, é um rapaz negro e mora em um dos bairros periféricos da cidade. Sua renda provinha de um cargo como professor de uma escola pública da cidade, que complementava com maquiagens que ele fazia nas mulheres da região, em geral, para festas e eventos comemorativos. Quando perguntei a Domingos o que para ele era cafuçu, ele me disse: “Você sabe... é um cara não muito arrumado, com jeito de macho, negão...”. Ao se referir ao “marginal”, ele disse que era quase a mesma coisa, “mas o marginal rouba!” E completou dizendo: “Mas me dá um tesão também!”.

Embora seja categorias comumente associadas e “misturadas” nas percepções do trabalho sexual à beira do Rio, há uma tácita diferenciação entre as duas categorias que se debruça sobre as condições marginalizadas dos rapazes e, conseqüentemente, um imbricamento mais intenso sobre os “perigos” envolvendo-os. Na hierarquia das práticas homoeróticas do trabalho sexual da margem do Rio, os cafuçus estariam supostamente ocupando um lugar superior ao “marginal” em uma hierarquia de desejos e perigos. Como disse Domingos, o “cafuçu” é aquele cujo padrão estético é “desleixado”, cuja virilidade é exacerbada e cuja raça é prontamente imaginada: o “negão”. Por vezes, eram os “cafuçus” nomeados nos discursos sobre desejo no território, sobretudo, quando acionados ao trabalho sexual.

De acordo com Roberto Marques e Isadora Lins França (2023), o termo cafuçu no contexto brasileiro é uma categoria complexidade, encapsulando uma intrincada teia de questões raciais, de classe e de sexualidade. Sua origem, apesar de incerta, remonta à mestiçagem e à mistura de identidades raciais, especialmente ligada ao termo "cafuzo", que se refere a indivíduos com ascendência mista, geralmente provenientes de pai negro e mãe indígena, ou vice-versa (Marques; França, 2015). Segundo os autores (2023), para compreender a polimorfia e complexidade da categoria, é imprescindível considerar o

pano de fundo histórico e social do Brasil. Desde o século XIX, as hierarquias sociais moldaram a construção da “sensualidade nacional” no país, uma noção que está intrinsecamente ligada às estruturas coloniais e à herança da escravidão (Stoler, 1995; Freyre, 1977), desembocando em constantes ambivalências referentes aos corpos negros: ““Entre “moleques” e “mulatas”, tais discursos acabaram por produzir imagens da nação perpassadas por raça, sexo e gênero e articuladas à escravidão, violência que funda o Brasil como nação. Neles, repulsa e desejo operam de forma ambivalente” (Marques; França, 2023, p. 71).

Lélia Gonzalez (1984) seria precursora na reflexão sobre a ambivalência que o corpo negro ocupa no Brasil, entrelaçando as questões de racismo e sexismo em sua análise sobre a mulher negra. Ao eleger a mulher negra como objeto central de sua reflexão, Gonzalez (1984) revela uma dualidade intrínseca que oscila entre um desejo efêmero e uma violência persistente sobre os corpos das mulheres negras. A autora desmistifica a exaltação mitológica da "mulata", argumentando que essa adoração atinge seu ápice apenas durante o Carnaval, para em seguida dissolver-se abruptamente no cotidiano. Segundo Gonzalez (1984), como uma Cinderela do asfalto, a mulher negra retorna ao seu estado de subjugação e precariedade, destacando a efemeridade da liberdade e do reconhecimento para as mulheres negras no contexto brasileiro. Assim, a figura do “cafuçu” se relacionaria diretamente aos deslizamentos ambivalentes da “mulata”, entrecruzando gênero, racialidade, sexualidade e nacionalidade.

Os rapazes considerados “cafuçus” ocupariam um lugar semelhante, entre o desejo e a abjeção, nas margens do Rio São Francisco, cujo limiar desembocaria nas figuras dos “marginais”. O que demonstra que, apesar de haver uma aproximação entre o “cafuçu” e o “marginal”, existem tácitas diferenças relacionadas à marginalidade, ao perigo e às questões econômicas. O “marginal” indicaria um entrelaçamento entre masculinidade, raça, pobreza e marginalidade, como afirmou Domingos. No entanto, o que chama atenção é o fato de quase todos os clientes e frequentadores do espaço também serem negro, o que demonstra que os eixos de diferenciação envolvem outros marcadores em sua configuração, sobretudo, envolvendo classe social e marginalidade.

Aproximo à reflexão de Élcio Nogueira Santos e Pedro Paulo Gomes Pereira (2016) acerca das diferenciações entre os homens negros nas saunas paulistas. Debruçando-se sobre a prostituição e as demarcações de raça, Santos (2016) demonstra que existe uma diferenciação entre o “moreno” e o “negro”, embora ambas sejam caracterizações sobre os corpos negros, elas desembocam em hierarquias particulares do desejo, cuja

consequência seria uma dupla inserção do corpo negro nas saunas: como objeto do desejo e objeto da repulsa. Semelhante aos corpos negros que realizam trabalhos sexuais às margens do Rio. Alertavam-me, por exemplo, constantemente sobre os riscos e os perigos desses corpos, ainda mais, se usassem drogas, se estivessem em situação de rua; mas também havia um desejo que, mesmo cauteloso, rompia-se aos corpos negros. Havia uma classificação e diferenciação particular em relação às pessoas mais pobres, negras e que abarcavam uma performance masculina virilizada, quando envolviam-se no trabalho sexual.

Essas categorias (“cafuçu” e “marginal”) demonstram uma ambiguidade emaranhada na leitura dos corpos negros que realizam trabalhos sexual, fortemente atrelada a estereótipos raciais. Era comum, por exemplo, que esses rapazes fossem ignorados ou ofendidos verbalmente pelos frequentadores quando estes estavam em grupo sobretudo quando os meninos ofertavam o sexo em troca de dinheiro (“Me arranja alguma coisinha”). No entanto, os serviços eram procurados quando ninguém estava percebendo, na surdina. Como mencionei, Ricardo me dizia que eu era o único que o tratava bem e o ouvia, porque mais ninguém fazia isso. Havia momentos em que os grupos se juntavam e rejeitavam qualquer aproximação do menino, chegando ao ponto de saírem bruscamente do espaço, quando o via aproximar-se.

Havia, além disso, uma constante desconfiança em relação aos rapazes negros – independente de terem a cor mais escura ou traços fenotípicos mais evidentes. Os atributos na verdade estavam em um conjunto de signos racializados: forma de andar, forma de falar, vestimentas, abordagem. A categoria não era cristalizada, mas estava associada a uma série de configurações que davam forma a um tipo particular, que era desejado, à sombra, mas rechaçado em frente aos outros. Isso também tornava o trabalho sexual pouco admitido por aqueles que eram os clientes. Muitos dos meus amigos afirmavam veemente que não pagavam por sexo de modo algum, no entanto, na prática, percebíamos que isso não era tão inflexível assim. Quando o movimento estava fraco, muitas vezes acontecia de eles pagarem pelo sexo. Ricardo me dizia que quase todos já haviam pagado ou dado algum agrado para ele por uma gozada. Não era incomum vê-los voltando de veredas escuras com os rapazes, embora preferissem não mencionar a transação.

A partir das categorias "cafuçus" e "marginais" no contexto do trabalho sexual à margem do Rio São Francisco pode-se revelar uma intrincada teia de desejos, fantasias e preconceitos raciais. Estas categorias são na verdade construções sociais complexas,

carregadas de significados e estereótipos. Os corpos negros, envoltos nessas categorias, são simultaneamente desejados e repelidos, oscilando entre o objeto do desejo e de repulsa. A análise das experiências compartilhadas pelos rapazes lança luz sobre a dualidade intrínseca que permeia a vivência do trabalho sexual. Eles são procurados na sombra, mas rejeitados em público; desejados secretamente, mas desconfiados e estigmatizados abertamente. Esta ambiguidade reflete não apenas a complexidade das interações sociais, mas também a persistente herança do racismo e da discriminação no Brasil. Ao contextualizar essas categorias dentro do cenário histórico e social do Brasil, é evidente que a construção do desejo e da repulsa em relação aos corpos negros é profundamente enraizada em estruturas coloniais e na herança da escravidão (Gonzalez, 1984), ecoando nas experiências dos rapazes que enfrentam a ambiguidade de serem desejados e, ao mesmo tempo, marginalizados.

Ambivalências raciais do desejo

A análise das experiências de trabalho sexual nas margens do Rio São Francisco revela uma complexa interseção de desejo, preconceito e marginalização, profundamente enraizada nas estruturas históricas e sociais do Brasil. As categorias "cafuçus" e "marginais" emergem como construções sociais carregadas de significados, moldadas por estereótipos raciais e dinâmicas de poder. Os corpos negros dos rapazes que se envolvem em trabalho sexual são simultaneamente desejados e repelidos, evidenciando uma dualidade intrínseca. Por um lado, os frequentadores do espaço procuram esses rapazes na surdina. Por outro lado, em público, esses mesmos corpos são frequentemente ignorados, ofendidos e estigmatizados. A construção do desejo e da repulsa em relação aos corpos negros remonta às hierarquias sociais estabelecidas durante a era colonial e à herança da escravidão. A exaltação efêmera e a subsequente marginalização dos corpos negros são manifestações contemporâneas de uma longa história de opressão e exploração. Como destacado por Lélia Gonzalez (1984), essa dualidade é particularmente evidente nas mulheres negras, mas também se aplica aos homens negros envolvidos em trabalho sexual. A figura do "cafuçu" está imersa em uma complexa rede de racialização, onde a masculinidade e a marginalidade se entrelaçam de maneira ambivalente. A categorização dos rapazes como "cafuçus" ou "marginais" não é estática, mas sim fluida, dependendo de uma série de sinais racializados, como a forma de andar, falar e se vestir.

Essas categorizações revelam hierarquias particulares do desejo, onde o corpo negro é simultaneamente um objeto de desejo secreto e de repulsa pública.

Referências

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

MARQUES, Roberto; FRANÇA, Isadora Lins. **Cafuçu**. In: Org.: Glossário de (des)identidades sexuais. Salvador: EDUFBA, 2023.

OLIVEIRA, Alexandra. **As Vendedoras de Ilusões: Estudo sobre Prostituição, Alterne e Striptease**. Lisboa, Editorial Notícias, 2004.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues; ROSA, Marcelo Victor da; LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. Prostituição masculina no Brasil: o panorama da produção teórica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 62, n. 2, p. 432–458, 2019. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2019.161075. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/161075>. Acesso em: 21 jun. 2024.

PASSAMANI, Guilherme. "**É brasileiro que comanda**": trabalho sexual, masculinidades e agência em Portugal. 46º Encontro Anual da ANPOCS. ST30: Sexualidade e Gênero: democracia, sujeitos e corpos em disputa, 2022.

PERLONGER, Néstor Osvaldo. **Negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987^a.

SANTOS, Élcio Nogueira; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. **Revista Estudos Feministas**, 24(1), 2016, p. 133–154. <https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p133>.

SIMOES, Júlio Assis; FRANCA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 35, p. 37-78, Dec. 2010.

WILLIAMS, Erica Lorraine. **Sex Tourism in Bahia: Ambiguous Entanglements**. University of Illinois Press, 2013.